
**RAÇA, SEXUALIDADE E MASCULINIDADE EM *MOONLIGHT*, DE BARRY
JENKINS**

Waldson Gomes de Souza¹

Resumo: O objetivo do trabalho é pensar em como discursos e estereótipos racistas moldaram uma noção de masculinidade negra fundamentada em atributos físicos e que desumaniza, objetifica e hiperssexualiza homens negros. Essa masculinidade tende a receber as mesmas representações e não se enquadra em um modelo hegemônico construído pela figura do homem branco, heterossexual e de classe média. A masculinidade negra em intersecção com a homossexualidade resulta em um tipo específico de violência, um dos temas retratados no filme *Moonlight*, de Barry Jenkins, que também será objeto de análise.

Palavras-chave: raça; sexualidade; masculinidade; *Moonlight*;

“O silêncio é meu escudo
Oprime
O silêncio é meu manto
Sufoca
O silêncio é minha espada
Corta nos dois sentidos
O silêncio é a arma mais mortal”

– Tongues Untied (1989), Marlon Riggs

Em pesquisas iniciais, que resultaram na bibliografia deste artigo, reparei em uma recorrência: os estudos sobre masculinidade negra (que já são poucos) tendiam a não tocar em questões sobre sexualidade, ao mesmo tempo em que as produções sobre homossexualidade não mencionavam raça. O recorte deste trabalho é bem específico, então eu já sabia, desde o começo, que isso reduziria as opções. Aqui, a questão norteadora procura pensar em como a intersecção entre raça e homossexualidade resulta em um tipo específico de violência.

Recentemente, *Moonlight* (2016), dirigido Barry Jenkins, trouxe-me questões relevantes para pensar a intersecção entre raça, sexualidade e masculinidade. Um filme importante não só por suas qualidades técnicas, mas também por ter repercutido e alcançado um público grande, principalmente com o impulso recebido pela conquista de três estatuetas no Oscar deste ano, incluindo a de melhor filme. Digo isso porque filmes

¹ Mestrando em Literatura na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: waldson.souza7@gmail.com

com essa temática geralmente circulam somente em festivais, não ganham estreia mundial e alcançam um público restrito ou já interessado nessas discussões. Como é o caso de *Blackbird* (2014) e *Naz & Maalik* (2015), também produções estadunidenses com protagonistas negros gays e que (até onde sei) não estrearam no Brasil.

Mas antes de analisar *Moonlight*, é necessário levantar algumas questões sobre masculinidades.

Waldemir Rosa (2006, p. 2) diz que “os homens possuem gênero, mesmo que isso seja invisível para muitos deles. Mas, o homem negro não consegue fugir de sua marca de gênero mesmo que ele queira torná-la invisível para si próprio.” Isso porque o discurso racista moldou um tipo de masculinidade negra fundamentada em atributos físicos que desumaniza, objetifica e vê o homem negro como um corpo forte e com aptidão para a realização de trabalhos braçais. Quando não está sendo representado como ladrão ou traficante, o homem negro é hiperssexualizado. O mito do órgão genital avantajado em relação às outras raças o torna um animal que só serve para sexo, atribuindo-lhe uma ideia de virilidade nata. E essa hiperssexualização também ocorre em relações homossexuais, pois não é um problema exclusivo da heterossexualidade, e sim da branquitude.

Podemos pensar na existência de uma masculinidade hegemônica a partir dos estudos de Osmundo Pinho (2004) e Deivison Faustino (2014). Esses autores concordam que existe um modelo hegemônico de masculinidade formado pela figura do homem branco, heterossexual e de classe média. Quem não corresponde a esse modelo — homens negros, homossexuais e pobres — ocupam posições de subalternidade. Por isso, é importante pensar de forma interseccional. A intersecção nos permite entender que não existe apenas um tipo de masculinidade e que noções de desigualdade ganham novas configurações dependendo do contexto. Sendo assim, o não pertencimento a uma masculinidade hegemônica ganha novos aspectos quando o homem negro se enquadra também em uma não heterossexualidade.

As identidades do negro gay entram em conflito diante de uma sociedade racista e heterossexista que, majoritariamente, não atribui a homossexualidade como pertencente à negritude — talvez um resultado dos estereótipos mencionados que acompanham uma noção de virilidade relacionada com uma heterossexualidade.

Baseando-se nas contribuições de Stuart Hall (2011) sobre a fragmentação do sujeito pós-moderno — no sentido de que as identidades não são permanentes, mas sim construções sociais e históricas que mudam dependendo do contexto cultural —, seria válido perguntar qual identidade do negro gay prevalece? A resposta pode ser encontrada em bell hooks (2015, p. 211, tradução minha):

Assim como mulheres negras são constantemente obrigadas a responder a pergunta – o que é mais importante: o movimento feminista ou a luta pela libertação negra? – o direito das mulheres ou os direitos civis? – o que você é primeiro: negra ou mulher? – pessoas homossexuais enfrentam perguntas semelhantes. Você se identifica mais com a luta política da sua raça e grupo étnico ou com a luta pelos direitos dos homossexuais?

hooks ainda reforça que esse tipo de pergunta não é simples, ela é imposta de tal maneira para algumas pessoas que elas acabam escolhendo priorizar uma das identidades. Sobre isso, Clarence Ezra Brown III, em dissertação de mestrado intitulada “Racismo na comunidade gay e homofobia na comunidade negra”, fornece alguns exemplos dessa imposição de priorização de identidades. Entrevistando 15 negros gays, o autor notou que a aceitação desse grupo na comunidade gay e na comunidade negra acontece por meio de estipulações. Os participantes disseram que são mais aceitos na comunidade gay quando se aproximam de traços da comunidade branca e silenciam sua “negritude”. Ao mesmo tempo em que são mais aceitos na comunidade negra quando não comentam ou expressam aspectos de sua sexualidade, por exemplo, quando não demonstram afeto com outro homem em público ou não são afeminados. A partir disso, há entrevistados que se dizem mais aceitos na comunidade negra e aqueles que se sentem mais aceitos na comunidade gay.

O estudo de Brown III demonstra que o racismo na comunidade gay e a homofobia na comunidade negra são problemas estruturais e que as experiências de cada indivíduo nesses contextos são diversas. Para bell hooks (2015), a tentativa de transformar racismo e homofobia em opressões sinônimas parece estar mais presente na cabeça de pessoas brancas e vem acompanhada de uma diminuição dos problemas que pessoas negras enfrentam em uma sociedade racista. A autora também não quer diminuir o sofrimento ou medo causados pela homofobia, ela reconhece que todas as raças sofrem esse preconceito. Mas chama atenção para o fato de que a visibilidade da

pele negra motiva o racismo, da mesma forma que ataques homofóbicos ocorrem quando a orientação sexual é indicada ou subentendida. Em outras palavras, para a homofobia existiria um mecanismo de defesa gerado por uma não identificação enquanto LGBT, mas é impossível esconder a pele negra. hooks faz esse contraste para destacar o dilema particular de pessoas negras LGBT que enfrentam racismo e homofobia e, como resposta, acabam se isolando e se retirando da comunidade negra e da comunidade LGBT.

Moonlight apresenta uma dessas dimensões ao mostrar um protagonista que, após sofrer abusos constantes, acaba renegando sua identidade homossexual. O filme conta a história de Chiron dividida em três partes: infância, adolescência e vida adulta. Não há marcações temporais, mas tudo indica que se passam, mais ou menos, dez anos entre cada parte. Toda a narrativa é marcada pelos conflitos de Chiron em relação a sua sexualidade, seu sentimento de não pertencimento e seu isolamento, potencializados por constantes perseguições e violências que sofre na escola. A postura sempre cabisbaixa e as poucas palavras são características evidentes nas três fases. Mas seus problemas não se encerram em questões sobre sexualidade. A família desestruturada, a relação conturbada com a mãe viciada em drogas e a ausência de uma figura paterna são elementos presentes na trajetória de Chiron. Juan substitui essa ausência paterna por algum tempo, procurando cuidar do garoto e lhe ensinando aquilo que considera importante. E, mesmo após a morte de Juan, a casa da namorada dele, Teresa, continua sendo um lugar de refúgio para Chiron.

A adolescência mostra a continuação das perseguições na escola e uma relação ainda mais complicada com a mãe. No desenrolar da narrativa, Chiron e Kevin, seu amigo mais próximo, se beijam sob a luz do luar. E o que poderia ser o início de uma relação entre os dois é quebrado com próximos acontecimentos. Terrel, principal agressor de Chiron, propõe um desafio a Kevin que consiste em bater em outro garoto até deixá-lo no chão. O garoto escolhido é justamente Chiron e a cena seguinte é uma das mais devastadoras do filme. Kevin acaba aceitando o desafio e começa a dar socos em Chiron, que por sua vez se recusa a ficar no chão mesmo com Kevin pedindo. Na minha leitura, Chiron quer tanto ser punido pela noite anterior quanto saber até onde Kevin irá. Uma punição aplicada pela mesma mão que lhe tocou com afeto.

Chiron e Kevin: amantes em um dia, vítimas de um sistema heterossexista opressor no outro. O fim da segunda parte é a comprovação do que pode acontecer com alguém que é reprimido e violentado constantemente. A resposta de Chiron é também violenta. Ele volta à escola, determinado, e quebra uma cadeira nas costas de Terrel, o que resulta em sua prisão.

As perseguições, presentes nos arcos da infância e adolescência, ocorrem devido ao que Daniel Borrillo (2009) chamou de “vigilância de gênero”. Essa vigilância é organizada pela homofobia e ganha motivação através da rejeição do que é feminino e homossexual, como uma tentativa de garantir que os papéis de gênero sejam mantidos. Seguindo os pensamentos desse autor, podemos dizer que os desvios de Chiron em direção ao feminino foram denunciados, os outros garotos desempenharam o papel de lembrá-lo como seu gênero deve se comportar. Essa situação exemplifica a forma pela qual o modelo de masculinidade hegemônica apresenta, nas palavras de Faustino (2014, p. 77),

cobranças e expectativas de gênero que, se por um lado possibilitam o exercício de poder sobre as mulheres — bem como sobre outros homens na intersecção com outras contradições sociais e opressões —, também alienam os homens de sua própria humanidade, fechando-os para tudo que for arbitrariamente eleito como próprio do universo feminino, empobrecendo drasticamente a sua socialização.

Na vida adulta, Chiron assume uma masculinidade esperada; na verdade, uma masculinidade lhe foi exigida desde criança. Uma posição que, confortável ou não, retira-o de um lugar de opressão a partir do momento em que suas características não indicam mais sua sexualidade, como ocorria na infância. As semelhanças do Chiron adulto com Juan são perceptíveis e reforçam como este foi uma figura importante e influente em sua vida (figura paterna e de masculinidade). Não temos dados de quanto tempo Chiron passou na prisão, mas vemos as consequências do acontecimento traumático da adolescência. Chiron se isola e não desenvolve outras relações amorosas ou sexuais além daquele único momento com Kevin.

Em sua primeira cena do filme, Chiron aparece correndo de outros garotos que o chamam de “viadinho”. Ele só quer fugir o mais rápido possível e se esconder. Se for pego, a próxima agressão será física. Não aparenta ter nem dez anos, é pequeno, magro,

e não entende o significado daquela palavra que insistem em chamá-lo. Mas sabe que é algo ruim, indesejável. A palavra é dita com muito ódio. Como não seria ruim? Fugir e se esconder: soluções imediatas. Uma vida inteira lidando com a impossibilidade de dar tempo ao tempo e encontrar sua própria identidade. Exigiram tanto uma heterossexualidade de Chiron que ele se enquadrou em um tipo de masculinidade esperada, assumiu um dos estereótipos do homem negro. O reencontro com Kevin e o desfecho do filme criam um tom de esperança, nos dizendo que talvez Chiron fique bem depois de tanto tempo. Talvez, finalmente, Chiron possa ser quem ele é.

Referências

BORRILLO, Daniel (2009). “A homofobia”. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUNB.

BROWN III, Clarence Ezra (2008). **Racism in the gay community and homophobia in the black community**: negotiating the gay black male experience. 77 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Virginia Polytechnic Institute and State University, Virginia.

FAUSTINO, Deivison Mendes (2014). “O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo”. In: BLAY, Eva Alterman. (Org.). **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 75-104.

HALL, Stuart (2011). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

HOOKS, bell (2015). Escolarizando homens negros. Trad. Alan Augusto Ribeiro e Keisha-Khan Y. Perry. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 677-689.

_____ (2015). “Homophobia in Black Communities”. In: _____. **Talking Back: thinking feminist, thinking Black**. Nova York e Londres: Routledge Taylor & Francis Group, p. 204-214.

MOONLIGHT (2016). Direção: Barry Jenkins. Produção: Adele Romanski, Dede Gardner e Jeremy Kleiner. Nova York: A24. Cópia digital (111 min).

PINHO, Osmundo (2004). Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**, n. 22, p. 64-69.

_____ (2012). Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, n. 38, p. 159-195.

_____ (2014). Um enigma masculino: Interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil. **Universitas Humanística**, n. 77, p. 227-250.

ROSA, Waldemir (2006). “Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial”. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero VII - Gênero e Preconceitos**, 2006, Florianópolis. Anais Fazendo Gênero VII. Florianópolis: Editora Mulheres, v. 1., p. 1-7.

SOUZA, Rolf Ribeiro de (2009). As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, ano 3, v. 6, p. 97-115.